

“CADÊ AS CHAVES?” MONITORIA NOS ATELIÊS DE MÍDIA NO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP, E A CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA APLICÁVEL AO ENSINO DE MÍDIAS DIGITAIS

Ricardo de Araujo Kobayashi Junior (UNESP)¹
Pelópidas Cypriano PEL, (UNESP)²

Resumo: Meu trabalho acadêmico consiste no relato de minhas experiências monitorando os ateliês e as aulas de Mídia do curso de Artes Visuais, no Instituto de Artes da UNESP, (campus de São Paulo) e a análise crítica destas experiências para desenvolver um diagnóstico do uso dos ateliês, da relação particular dos alunos do instituto com as disciplinas de Mídia e seus professores, (assim como a sua relação com a arte e a tecnologia), e por fim, construir uma série de metodologias de ensino de mídias digitais que possam ser utilizadas em outros contextos fora do ambiente específico do Instituto de Artes.

Palavras-chave: Artemídia; Processos e Procedimentos Artístico-Científicos; Trabalho de Conclusão de Curso.

Abstract/Resumen: My academic work consists in reporting my experiences monitoring the classes and working studios of the Media subject of the Visual Arts course of the UNESP Arts Institute (São Paulo campus), as well as the critical analysis of such experiences in order to create a diagnosis of the use of these spaces, the relationship of the institute's students with the Media subject and its teachers (as well as their relationship with art and technology), and finally, develop a series of teaching methods for digital media and the arts, that may be used for other contexts outside the Arts Institute.

Keywords/Palabras clave: Media Art; Artistic-Scientific Processes and Procedures; Graduation Degree Coursework.

INTRODUÇÃO

Meu desejo, ao entrar no Instituto de Artes da UNESP, não era nem um pouco definido; algo que era verdade na época em que passei no vestibular e que é verdade agora é que eu sempre gostei de desenvolver histórias e universos próprios, e minha expectativa para a faculdade era de finalmente me ocupar fazendo o que gosto, ou seja, explorar meu potencial criativo ao máximo, e gozar de um ambiente destinado apenas a esse fim. Em parte, isso incluía um aprendizado acerca de ferramentas digitais e/ou midiáticas, sendo que sempre vi minhas histórias no formato de filmes, jogos, histórias em quadrinhos, etc., além de um grande interesse em arte digital. Mas acabei aprendendo que o Instituto de Artes incentiva não exatamente o aprendizado técnico da

¹ Aluno de Bacharelado em Artes Visuais, recém-Licenciado em Artes Visuais, e monitor bolsista/voluntário de Mídia no Instituto de Artes da UNESP. (*ricardo.kjr@hotmail.com*)

² Professor Doutor (Livre-Docente) no Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da UNESP. Bacharel em Cinema, Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes USP. Líder do Grupo de Pesquisa ARTEMÍDIA E VIDEOCLÍPE. (*pelopidas.cypriano@unesp.br*)

arte, mas a construção de uma identidade própria de poética e pensamento artísticos, e a subsequente transformação/conexão desta identidade com uma pesquisa acadêmica.

Porém, é igualmente verdade que até mesmo em instituições de ensino como o IA da UNESP, que incentivam a construção do conhecimento artístico através do estudo, da crítica e do questionamento da arte em vez de apenas a “tutoria” técnica das linguagens materiais usadas pelos artistas, precisam de um aprendizado mais prático para que o artista tenha acesso ao enriquecimento que só a experiência artística tátil, imprevisível e crua pode fornecer à construção de sua estesia. De qualquer maneira, a situação dos ateliês de Mídia no IA que motivaram o início desta pesquisa era de espaços esvaziados, pouca produção, e a disciplina de Mídia estava envolta em dúvidas e poucas informações, o que deixava muitos dos estudantes mais desejosos de um aprendizado técnico ou uma aproximação com a arte-tecnologia frustrados. Portanto, minha monitoria, e conseqüentemente minha pesquisa, começaram com a tentativa de ver o porquê destes espaços e equipamentos estarem parados, trancados em armários e salas; seria o orçamento cada vez menor da universidade? Seria o desencontro entre a expectativa dos alunos e a proposta pedagógica do IA? Seriam desentendimentos entre os estudantes e os professores destas disciplinas?

Esta pesquisa, que conseqüentemente também é o tema central do meu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais procurou achar respostas para essas perguntas. Ao longo de aproximadamente um ano, inscrito como monitor bolsista de Mídia, e ao lado de meus amigos, que atuaram como monitores voluntários, nós trabalhamos na manutenção e no uso dos ateliês-laboratórios de Mídia, e eu também participei de extensas conversas com o Professor Pelópidas, um dos dois únicos professores efetivados que supervisionam os ateliês, na tarefa de saber propor e planejar práticas pedagógicas diferentes para a disciplina. Para a execução do TCC em si, fiz o relato de minhas experiências vividas em aula, entrevistei professores e alunos tanto de dentro quanto fora do IA, e também organizei todos esses dados na forma de um documentário em vídeo que serve como anexo ao documento escrito por mim. Como referência bibliográfica, peguei a metodologia de pesquisa de Silvio Zamboni, e usei “Uma História Social da Mídia-De Gutenberg à Internet”, de Asa Briggs e Peter Burke para um panorama histórico das mídias na sociedade. Como referência para manual de sala de aula,

eu usei o livro “Materiais Audiovisuais na Escola”, de Walter Arno Wittich e Charles Francis Schuller. Importante notar que este documento está fortemente conectado com o Trabalho de Conclusão de Curso de meu colega de Artes Visuais e também monitor voluntário dos ateliês de Mídia, Guilherme Hammel Cattaneo, sendo que a pesquisa dele estará bem mais voltada ao relato de experiências dentro do ambiente dos ateliês, enquanto eu estarei discutindo as implicações filosóficas e conceituais dos aprendizados e significados obtidos a partir de tais experiências.

RELATO DE EXPERIÊNCIAS

Antes da nossa monitoria, eu e muitos outros alunos que se interessavam por arte digital, cinema e outras práticas artísticas mais complexas que os meios tradicionais, ficávamos frustrados com a situação dos ateliês. Não só muitas vezes há a indisponibilidade dos materiais tecnológicos para o exercício destas artes, mas como também há muitos professores substitutos temporários, que fazem com que a disciplina seja marcada pela instabilidade; as disciplinas de mídia seguem uma progressão, da Mídia 1 (computação bidimensional) até Mídia 7 (“Hipermídia”, ou “arte em rede”), portanto há um senso de que os conteúdos das disciplinas vão ficando cada vez mais complexos, o que é observável até certo ponto. Porém pela falta de professores efetivados e/ou especializados em cada conteúdo, não só as aulas são forçadas a executarem um plano improvisado de ensino, mas como também os alunos acabam tendo que se adaptar sucessivamente a personalidades e didáticas de professores diferentes. Adicionando a isso outros fatores de vivência universitária, como a demanda de outras disciplinas, a estrutura física ou burocrática da instituição e etc. e o fato da tecnologia estar relativamente distanciada da arte do mesmo jeito que a arte as vezes se apresenta como algo distante da sociedade, temos como cenário três ateliês-laboratório, ao todo, que quase nenhum dos alunos sabia como operar, ou que não se sentiam motivados a usar. Outro fator evidente é que, por algum motivo, parecia haver algum desentendimento entre os alunos e o professor Pelópidas, o mesmo que orientou o meu TCC e supervisionou minha monitoria, e isso aparecia como um dos motivos pelos quais o estímulo de produção em Artemídia era pouco. Apesar de minha relação pessoal com o professor não estar em questão, admito que a princípio também pessoalmente acreditava que o rendimento e a produção artística da disciplina de Mídia dependia mais dos erros e acertos do professor em cati-

var os alunos, usando isso como critério para avaliar o professor Pelópidas e outros docentes com quem convivi. Porém meus aprendizados, tanto nas aulas formativas de Licenciatura do IA quanto nas monitorias, revelaram o quanto da boa convivência, da movimentação e ocupação dos espaços e da produção artística também envolvem iniciativa e autonomia por parte dos alunos.

Analisando “Uma História Social da Mídia”, se é possível denotar uma tendência constante ao longo do recorte histórico ocidental feito pelos autores, é de que ao longo da história as ferramentas tecnológicas sofisticadas antes reservadas a elites específicas acabaram sendo democratizadas para as massas, fazendo com que o poder e o conhecimento destas ferramentas fossem também transferidos para uma população diferente. Atualmente, podemos ver que com o advento de smartphones, acesso maior à internet, e as redes sociais, deram ao cidadão comum a possibilidade de formar e disseminar opiniões massivamente, privilégio antes reservado a grandes veículos e conglomerados midiáticos, por exemplo. Esta autonomia, que não se fundamenta sem poder material, também se estende à construção de conhecimento. No cenário atual são vários os artistas e/ou estudantes que capacitam ou aprofundam o próprio conhecimento através de tutorias, fóruns, comunidades e plataformas de ensino à distância na rede da internet. Portanto, não é incomum nas aulas de Mídia do IA que os alunos, frustrados, acabem recorrendo a essa opção de aprendizado, mas são poucos os que têm uma disciplina previamente construída e forte para evoluírem constante e profundamente em comparação com métodos de ensino formal. A responsabilidade de discernimento, seleção e pesquisa de conteúdos fica inteiramente a cargo do estudante, mas em uma realidade onde os Ensinos Fundamental e Médio não são pautados pelo incentivo à autonomia, como esperar disciplina de quem não tem nem as referências?

Pelópidas diz seguir a corrente “freinetiana”, oriunda do educador francês Célestin Freinet. De acordo com ele, essa pedagogia é representada pelo cultivo da autonomia e da livre expressão do aluno.

(...)Já para Freinet, a importância do imprevisível, em sintonia com os acontecimentos cotidianos, e seu interesse pelo desenvolvimento da autonomia dos alunos levam-no a conceber o uso do tempo de modo mais flexível. Há períodos maiores de tempo para as atividades da classe como um todo e “planos de trabalho” indivi-

duais, elaborados pelo aluno no início de cada semana. Tais planos são vistos como compromissos assumidos, contratos pessoais de trabalho. (Le Grand, 2010)

Por isso que, ainda mais em um ambiente universitário, a iniciativa e o protagonismo são posturas essenciais, especialmente para Pelópidas. Se o aluno acaba tendo que se valer de seu protagonismo e dedicação a uma atividade que ele considere mais importante, a metodologia freinetiana, assim como outros movimentos da Escola Nova, aceita a decisão do aluno. O único “porém” é de que, conseqüentemente, considerando a conjuntura do IA, cada vez menos pessoas utilizem os ateliês.

Quando iniciamos as nossas atividades, no segundo semestre de 2018, eu e meus colegas fomos aproximados pelo professor Pelópidas para oferecermos a nossa expertise e assistência técnica com vídeos e programas de edição para ajudar os alunos matriculados em Mídia V (vídeo), disciplina na qual estávamos também matriculados. Foi uma proposta incomum para nós na época, mas sob a perspectiva de aprender a fazer um curta-metragem na aula, e ainda por cima compartilhar com mais pessoas o interesse por cinema e arte digital, eu aceitei a proposta, e meus amigos conseqüentemente me acompanharam. Como foi uma atividade feita improvisadamente, nós naturalmente não conseguimos fazer com que a opinião de uma sala inteira acerca de disciplina de Mídia mudasse, mas nós conseguimos acompanhar os processos criativos dos estudantes de perto, e ficamos bastante admirados com a qualidade dos trabalhos.

É também importante notar que durante o período destas atividades, eu pessoalmente estava trabalhando como aluno bolsista da AUI (Agência UNESP de Inovação), portanto, temas como o incentivo à cultura empreendedora estavam estreitamente vinculados com as atividades dessa monitoria voluntária, e tanto para a bolsa quanto a monitoria de Mídia V eu tinha o professor Pelópidas como orientador.

Ao fim de 2017, com a liberdade dada pelo professor para executarmos nossas atividades, nós conseguimos descobrir e recatalogar os materiais que estavam guardados nos ateliês, além de por em uso equipamentos que estavam a muito tempo guardados, revitalizando muitos dos espaços dos laboratórios. O melhor exemplo foi quando instalamos um PowerMAC que a faculdade havia adquirido para servir de ilha de edição de

vídeos, porém foi guardado por conta de problemas de licença dos programas. Depois desse modesto sucesso, nós escolhemos a orientação do Professor Pelópidas para nossos trabalhos de conclusão de curso para defendê-los em 2018.

Logo em janeiro, nos reunimos regularmente, cerca de duas vezes por semana, para discutirmos que tipo de aproximação nós teríamos em relação às aulas. No primeiro semestre de 2018, ficamos encarregados de auxiliar as aulas de Mídia I (Computação 2D), Mídia III (Fotografia) e “Artemídia”, uma disciplina optativa criada por Pelópidas para a execução de projetos artísticos em Mídia. Devido ao fato da turma de Mídia III, ou seja, o segundo ano de Artes Visuais, já ter aprendido o conteúdo de Mídia III em 2017, com uma professora substituta, a nossa equipe, liderada por Pelópidas, decidiu trabalhar o conteúdo de Computação 2D com as duas turmas. “Computação 2D”, em outras palavras, significa explorar os básicos da imagem digital, e sua manipulação através de programas como Photoshop e Illustrator, além de definir conceitos como *bit* e *byte*, *bitmap*, *raster*, vetores, RGB/CMYK, etc. Na monitoria de 2017, nossa assistência técnica era meramente baseada em conhecimentos que havíamos adquirido informalmente (pode se dizer que tínhamos uma suposta facilidade em selecionar materiais de aprendizado da Internet), portanto, para ministrarmos esse conhecimento adequadamente, passamos por um período de capacitação e leitura direcionada, onde cada um de nós recebeu um livro específico que falasse sobre a imagem digital; “Imagem Digital Aplicada”, de João Gomide, “Computação Gráfica-Teoria e Prática”, de Eduardo Azevedo, e alguns manuais oficiais de programas do pacote Adobe caso precisássemos. Após ler “Imagem Digital Aplicada”, consegui aprimorar bastante meus conhecimentos. Tanto que, na hora de definirmos as atividades e dinâmicas de aula, as avaliações e seus critérios foram quase que inteiramente estabelecidas por Pelópidas, enquanto as dinâmicas de monitoria e assistência técnica aos alunos ficaram mais ao cargo dos monitores. Outro ponto importante é que antes mesmo das aulas começarem, discutimos extensamente o que fazer durante os dias de recepção aos calouros (jocosamente apelidamos essa estratégia de “Fase 1”); discutíamos ideias de fazer um dia específico da “Semana dos Bixos”, que sempre ocorre em março, para realizar uma tarde de jogos de videogame dentro dos ateliês, para irmos trabalhando desde o primeiro momento uma base de convívio e vínculos afetivos com os alunos ingressos. Havíamos feito um evento semelhante como cerimônia de encerramento das atividades de 2017.

Foi aproximadamente neste período em que começamos a fazer parte dos grupos de redes sociais dos estudantes, o que foi provavelmente uma das decisões mais corretas que tomamos; depois que as atividades das aulas começaram, nós tínhamos acesso às trocas que os alunos tinham entre si e com isso, podíamos especificar o perfil comunitário de cada turma. Também através desses mecanismos conseguíamos esclarecer dúvidas que os alunos tivessem sobre o funcionamento das aulas, as metodologias dos professores, até mesmo sobre questões técnicas. Mas o mais importante ocorria dentro das salas de aula.

As disciplinas de Mídia I e Mídia III eram ministradas por dois professores; Pelópidas estava responsável por Mídia III e o orientando de Pós-Doutorado de Pelópidas, o Professor Rogério Corrêa da Silva, cineasta formado pela ECA-USP, estava encarregado de Mídia I. Mesmo assim, os professores usavam uma dinâmica idêntica, de dividir a aula em um momento teórico e expositivo, e depois deixar a cargo dos monitores a segunda metade da aula, onde os alunos eram levados para um (ou mais de um) ateliê-laboratório específico, e lá nosso grupo auxiliava os alunos em seus projetos. Eles também seguiram um esquema de três atividades ao longo da disciplina, com a terceira sendo o trabalho final do semestre. Nós demoramos certo tempo até nos acostarmos com essa dinâmica, pois nós também desejávamos expor nossos próprios recortes de conteúdo teórico com os alunos. Os professores ficaram muito confortáveis e foram generosos com a nossa presença e poder de fala compartilhada com eles. No caso específico da turma de Mídia I nós exploramos o entusiasmo da turma para realizar plantões fora do horário de aula, onde discutíamos estésias artísticas da manipulação digital de imagens. Pessoalmente, procurei mostrar referências on-line de artistas digitais para os alunos nos respectivos grupos de WhatsApp de cada turma. Nas aulas de Artemídia, conseguimos compreender facilmente que o modelo anterior de aula de Pelópidas, antes aplicado a todas as disciplinas, ficaria restrito a uma aula optativa específica, onde de fato seria a iniciativa e espírito empreendedor do aluno que estariam em discussão (não à toa, esta aula tinha sido desenvolvida justamente para substituir a antiga matéria optativa de “Empreendedorismo em Arte”, também de autoria do Professor Pelópidas). Portanto, nossa monitoria ficou propriamente restrita a assistência técnica para os alunos necessitados.

Nós estávamos acostumados com a metodologia freinetiana de Pelópidas, então nós sabíamos como integrá-la ao nosso protótipo de metodologia pedagógica. A todo o momento, tanto ele quanto nós mesmos explicitávamos aos estudantes o fato de que as aulas tinham um caráter experimental de pesquisa. Com a aula do Professor Rogério, as experiências foram um pouco diferentes, pois assim como nós, de acordo com Pelópidas, ele também estava passando por sua primeira experiência pedagógica. Nós não conseguimos planejar as aulas de Mídia I com ele do mesmo jeito que fizemos com as aulas de Mídia III. E também havia o fato de que essas aulas também ocorriam em horários conflitantes com as nossas próprias aulas; ainda éramos alunos matriculados regularmente. Por esses e outros fatores, acabamos observando certo grau de desavenças entre os alunos e o professor, e isso repercutiu na execução de nossas atividades. Não é o caso de analisar se há ou não um contraste entre o método mais tradicional de aula do Professor Rogério e o consuetudinário de relações universitárias mais abrangentes e até mesmo “informais” que marca o IA, mas essas experiências enriqueceram bastante a reflexão que farei em breve acerca da monitoria.

No segundo semestre, a monitoria teve um fluxo de atividades bastante similar. As aulas que iríamos monitorar desta vez eram a segunda parte de Artemídia, Mídia II (Computação 3D) e Mídia V (Vídeo). Também havia a disciplina de Mídia IV (Fotografia Cinética), porém havia sido designado um professor substituto, o artista plástico Rogério Rauber, que não fazia exatamente parte da equipe orientada por Pelópidas. Tínhamos o desejo de oferecer nossa assistência, porém considerando que nossa monitoria envolvia a nossa participação direta no planejamento das aulas, decidimos deixar a cargo do próprio Professor Rauber se nossas atividades seriam necessárias. No final, acabamos não participando das aulas de Mídia IV.

Para Mídia II, cujo conteúdo envolvia a introdução ao mundo da modelagem 3D através de programas como Blender e Sculptris, fomos introduzidos a uma plataforma de tutoriais e vídeo-aulas do site LinkedIn que mostrava os princípios básicos do Blender. Foi uma ótima ferramenta de capacitação sem a qual não teríamos planejado nossas aulas, e que antes era também, para nós, bastante complicada. Usando um recorte de filmes de ficção científica, o Professor Rogério tentou passar um repertório de filmes que abordavam a questão dos efeitos especiais e da construção de universos narrativos

sob uma perspectiva analógica, e nós monitores passávamos referências ligadas ao mundo da computação gráfica. Em Mídia V, houve um consenso entre nós de que já que havíamos monitorado a mesma matéria um ano antes, seria mais fácil planejar as tarefas da edição de 2018, e que também seria uma oportunidade boa para averiguar se o mesmo plano funcionaria com uma turma diferente. Porém, tivemos dificuldade em comparecer em todas as aulas por causa da aula de Mídia VII, que ocorria no mesmo horário. Somando isso ao fato da turma de Mídia V ter tomado rumos separados de forma um tanto prematura na universidade, no fim a aula de Mídia V não teve uma vivência tão agitada quanto as outras aulas que monitoramos, mas mesmo assim conseguimos conversar e debater a arte do vídeo de maneira rica e forte. A aula de Artemídia demandou mais tempo de atividades e esforço na conclusão dos projetos dos inscritos; a maioria deles era dos cursos do IA de Teatro e Música. Muitos deles buscavam horas de atividade complementar, mas acabaram se introduzindo no mundo da edição de vídeo, animação, e exploraram coisas novas.

ANALISANDO A VIVÊNCIA DE ATELIÊ-LABORATÓRIO

O livro “Recursos Audiovisuais na Escola”, que acabei usando como referência bibliográfica neste documento, é um livro de 1962, que basicamente defendia a visão hoje já sedimentada (possivelmente até superada) de que quanto mais uma sala de aula puder usufruir de diferentes meios tecnológicos audiovisuais, melhor é o aprendizado dos alunos e o rendimento escolar das turmas. A maior parte dele se preza a estruturar um manual prático de uso de materiais como projetores, rádios, gravadores de som, filmes de 16mm e o que os autores chamam de “máquinas de ensino” (ou seja, computadores) em sala de aula. Mas uma das partes mais importantes é justamente o capítulo onde são listados os principais “bloqueios comunicativos entre os estudantes e os professores”. Entre eles estão o verbalismo excessivo, a não percepção, o desinteresse, o devaneio, a confusão de referências, entre outros. E à medida que eu comparava esses tópicos com o que foi observado nas atividades, ficou claro como era possível traçar alguns paralelos entre o livro e o ambiente da monitoria (nas devidas proporções, devido à distância cronológica dos problemas atuais e os problemas citados no texto).

Tanto o livro de Wittich e Schuller quanto os textos de Marshall McLuhan, também uma forte referência para a pesquisa, explicitam o caráter amplo e quase onipresen-

te da comunicação nas relações humanas, e em uma sala de aula não é diferente. Uma sala de aula é um ambiente de transmissão de conhecimento, que ocorre da mesma maneira que a transmissão de qualquer mensagem ou informação entre seres humanos. Há um emissor e um receptor, nesse caso, respectivamente, professor e aluno. Podemos dividir o ensino entre o tradicional, no qual esse canal comunicativo é unilateral de aluno para professor, e o contemporâneo, onde é valorizada uma constante troca entre aluno e professor, e o ambiente de ensino como um todo evolui e cresce em conjunto. Qualquer modelo de ensino que almeje a autonomia e o protagonismo individual de cada aluno carrega como pressuposto essa noção de diálogo bilateral na sala de aula. No IA, e de maneira bem honesta, na maioria das escolas formais hoje em dia, essa noção já um princípio básico, mas isso não tira o fato de, que por mais que o educador tente, sempre haverá algum bloqueio que ele tem mais dificuldade para superar. O verbalismo excessivo e o desinteresse são alguns exemplos mais próximos quando analisamos tanto as ações dos docentes que assistimos quanto nossas próprias, mas após revisitar as perguntas motivadoras desta pesquisa, comentadas na introdução deste artigo, consegui perceber o quanto cada uma delas exerce um papel diferente em intensificar a situação negativa dos ateliês e da disciplina de Mídia. O livro comenta outros dois bloqueios comunicativos, que são a “falta de conforto material” e a “mudança da população escolar”. Querendo ou não, profissionais como Pelópidas eventualmente envelhecem, e a comunicação com seus alunos, que sempre se renovam, mas mantêm uma faixa etária mais ou menos estável, fica cada vez mais difícil. O professor fez um balanço positivo da monitoria pelo fato de nós monitores termos uma idade aproximada dos estudantes, de nós entendermos as referências deles e passarmos por experiências parecidas.

Não creio que seja possível dizer categoricamente que desilusões por parte dos alunos sobre o que o Instituto significa no quesito de atividades e aprendizado seja o suficiente para ocorrerem desistências das aulas, porque no final das contas, observando de perto a reação dos alunos a essa realidade, as reações são variadas e cheias de nuances. São poucos os que desistem, mas muitos os que ficam, mas não se sentem estimulados a aproveitar o tempo deles no IA. Se ou aluno ou professor fixam a ideia de que é um desperdício frequentar o Instituto quando se está descontente com ele, é minada a possibilidade de convencer o aluno a aproveitar o IA apesar destas dificuldades. Não obstante, a Mídia tem um papel mais delicado nisso pelo fato da tecnologia como um

todo ser vista com apreensão pela maioria dos artistas. Em qualquer edição de qualquer disciplina de Mídia haverá alunos que claramente preferem mais a pintura e a cerâmica, ou outro processo “manual”. Mas no final das nossas atividades, nós monitores conseguimos observar uma coletânea de produção visual enorme, assim como uma evolução enorme por parte da maioria dos alunos. Houve estudantes que não tinham nenhuma experiência nos programas abordados em aula e que produziram imagens de ótima qualidade. Em uma das tarefas de Mídia II, cujo objetivo era “modelar um origami dentro do Blender”, nenhum de nós monitores achava que eles conseguiriam em um primeiro momento realizar essa atividade sem a nossa ajuda, mas para a nossa surpresa, todos foram capazes de atender às nossas expectativas (todos os trabalhos que nós obtivemos permissão para usar nos respectivos TCCs estão armazenados com a equipe de monitores e o grupo de pesquisa de Artemídia). E talvez o melhor ponto tenha sido testemunhar eles criarem uma rede própria de ajuda coletiva para fazer os trabalhos. Inclusive, já está em andamento a capacitação dos novos monitores de Mídia para o ano de 2019.

Mas, afinal, qual é o fator que mais afeta a situação dos ateliês de Mídia no IA? Depois de debater e discutir essa questão com a banca examinadora do meu TCC, creio que o fato da universidade estar com verbas cada vez mais curtas seja o principal motivo do problema. O orçamento curto causa, em primeiro lugar, a impossibilidade de se contratar e efetivar novos professores no Instituto; não há novas efetivações a aproximadamente 8 anos. Sem professores titulares aumentam as chances dos professores efetivados ficarem sobrecarregados, ficando então dependentes de professores substitutos emergenciais que podem ou não aplicar o plano de ensino oficial, fazendo com que as aulas sigam progressões confusas e desconexas, aumentando a desinformação dos alunos acerca do funcionamento da estrutura institucional. Sob esse paradigma, os problemas de bloqueios comunicativos, a quebra de expectativa dos estudantes, o cuidado mais complexo que os materiais e os laboratórios requerem (o que justifica o trancamento das salas), e o distanciamento que a tecnologia como um todo é capaz de exercer no indivíduo, se tornam todos mais extremos.

Uma tendência que talvez se observe a partir dessa conjuntura seja o aumento na iniciativa da própria comunidade discente a essas dificuldades. O primeiro ano de BLAV, o mesmo que participou das aulas de Mídia I e Mídia II, teve uma enorme faci-

lidade para se incluir na chapa do Diretório Acadêmico do Instituto de Artes, e articular ações do movimento estudantil. Mas é bastante óbvio que a iniciativa e o protagonismo podem ser incentivados, mas não podem ser exigidos tão facilmente. Felizmente as atividades da monitoria tiveram bons frutos, mas não há garantias de que todas as edições desse programa, por mais que seja um protótipo ainda, irão ser bem sucedidas, sempre.

O ponto é que mesmo quando se nota o sucateamento material da universidade pública, ainda há a possibilidade de se evitar um tipo ainda pior de descaso: o sucateamento de indivíduos. Com a comunidade universitária desmoralizada, omitem-se os recursos dos quais ela ainda disponibiliza, como por exemplo, os materiais dentro dos ateliês de Mídia. Ainda há a possibilidade de que, utilizando os materiais disponíveis, por mais desatualizados e maltratados que tenham sido, ao seu máximo potencial, acaba se tendo a justificativa para solicitar melhorias a fim de que a produção artística da universidade se eleve. A comunidade discente, trabalhando intimamente com o corpo docente pode não só oferecer um plano de contingência para a situação específica estrutural da instituição, mas pode reunir perspectivas para um novo entendimento da universidade como um todo.

CONSTRUINDO UMA METODOLOGIA DE ENSINO

Naturalmente, a pesquisa enquanto de Trabalho de Conclusão de Curso ainda necessita de mais vivências diferentes das do Instituto de Artes para poder justificar a criação de uma metodologia de ensino propriamente dita. Portanto, também considerando que ainda há de se averiguar o trabalho futuro da Monitoria de 2019, eu diria que este é um trabalho em progresso. Não seria capaz de propor nenhum plano de ensino criado individualmente por mim nesta fase do projeto pelo fato de todos os planos desenvolvidos na monitoria tiveram participação coletiva, entre a equipe composta por mim e meus colegas, Paulo Hanazumi, Guilherme Hammel e também o monitor anterior de Mídia V que nos escolheu para esse trabalho, Marcos Lamego e que também faz parte do grupo de pesquisa Artemídia. Também merecem destaque os monitores não remunerados dos ateliês, Gustavo Damas e Laiz Torres. E principalmente ao Professor Rogério Corrêa e o Professor Doutor Pelópidas Cypriano, que permaneceu aberto às nossas propostas e perspectivas em absolutamente todas as etapas do processo.

Não tenho como dizer se é possível sistematizar em um plano de ensino conciso tudo que pude aprender e ainda continuarei aprendendo com esta pesquisa, mas o protótipo de modelo que nós monitores conseguimos executar em sala de aula foi muito mais baseado no sentimento de que professor, monitores e alunos são um coletivo único, onde a construção do conhecimento é mais valiosa do que sua transmissão. Quando a sala age, conscientemente, em equipe, com um objetivo a ser alcançado, ela se estrutura naturalmente a agir com base nas orientações de um membro da equipe que tenha mais experiência ou propriedade em determinada função ou conhecimento. O professor e/ou o monitor podem ocupar esse posto, mas para que essa confiança se estabeleça, é necessário que o professor abdique de um provável senso de autoridade máxima que seu cargo lhe confere, e dê mais espaço aos alunos, tomando cuidado para não pender entre a autoridade máxima (imposição) e a liberdade máxima (caos). Mas também é necessário que os estudantes tenham ciência de que eles também fazem parte da equipe, e que em uma equipe todos têm responsabilidades que afetam o grupo com um todo.

Expondo a natureza da importância dessa equivalência para todos os envolvidos nessa dinâmica, se cria um ambiente muito mais propício para a experimentação, a vivência e o uso responsável dos espaços e dos equipamentos. O que nos leva ao título do meu TCC e deste artigo; “Cadê as Chaves” deixa implícito que as chaves dos ateliês e dos armários, assim como as tecnologias dentro deles, são o fator secreto para trazer a vida de volta a esses espaços abandonados. Mas mais profundamente, isso também implica que a chave só é útil para qualquer coisa se ela estiver nas mãos de alguém, o que simboliza perfeitamente tudo pelo qual a equipe de monitores passou em 2018. As chaves continuam sendo chaves independentemente de quem as usam. É o que fazemos com a tecnologia, com o espaço, com a estrutura, com a instituição, com a verba e com a nossa responsabilidade, que mais tarde julgaremos bom ou ruim. Na palavras do próprio Pelópidas: “as pessoas são as chaves”.

BIBLIOGRAFIA

HELLER, Robert. **Como se Comunicar Bem**. Terceira. ed. São Paulo: PubliFolha, 1998. 72 p.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. Introdução/Informação, educação e entretenimento/Convergência. In: BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma História Social da Mídia-De Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, [2004-2006]. cap. 5-6, p. 11-305. Disponível em: <<http://file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Peter-Burke-Uma-Historia-Social-da-Midia.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

ARNO WITTICH, Walter; FRANCIS SCHULLER, Charles. O Professor e a Comunicação/Máquinas de Ensino. In: ARNO WITTICH, Walter; FRANCIS SCHULLER, Charles. **Recursos Audiovisuais na Escola**. Quarta. ed. [S.l.]: Fundo de Cultura, 1964. p. 11-429.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa Em Arte**: Um Paralelo entre Arte e Ciência. Segunda. ed. Campinas: Autores Associados, 2001. 107 p.

HELGUERA, Pablo. O peso do conto: a narratividade como ferramenta de mediação. In: HELGUERA, Pablo; HOFF, Monica (Org.). **Pedagogia no Campo Expandido**. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011. p. 65-68.

TODOS PELA EDUCAÇÃO, Fundação. **O que pensam os professores brasileiros sobre a tecnologia digital em sala de aula?**. 2017. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/tecnologia/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

CAMELLA, Elaine. Understanding Media: ou uma Poética dos meios. In: CAMELLA, Elaine (Org.). **Mídias : multiplicação e convergências**. São Paulo: Editora Senac, 2009. p. 23-40.

MARSHALL McLuhan. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marshall_McLuhan>. Acesso em: 16 out. 2018.

BOECHAT GOMIDE, João. **Imagem Digital Aplicada**: Uma Abordagem para Estudantes e Profissionais. São Paulo: Elsevier, 2014. 192 p.

FERRARI, Marcio. **B. F. Skinner, o cientista do comportamento e do aprendizado**. 2008. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1917/b-f-skinner-o-cientista-do-comportamento-e-do-aprendizado>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

REIS, Magali; ARMANDO BAGOLIN, Luiz. **Arte além do bem e do mal**. 2010. 6 p. Cadernos de Pesquisa (Biblioteca Digital da Produção Intelectual)- Instituto de Estudos Brasileiros-IEB, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. 41. Disponível em: <http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/11844/art_BAGOLIN_Arte_Como_Experiencia_2011.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 nov. 2018.

LEGRAND, Louis. A transformação no contexto institucional. In: LEGRAND, Louis. **Cèlestin Freinet**. Casa Forte. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. p. 25-26.